

DISCURSO NEOCONSERVADOR- NEOLIBERAL: VIDAS PRECARIZADAS E SUBJETIVIDADES HOMOSSEXUAIS ASSOCIADAS AO VIH/SIDA

Matheus Souza Giaretta

matheuszgiaretta@gmail.com

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

IV Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2024

Resumo. *Trata-se de um trabalho que nasceu diante das inquietações pessoais do pesquisador e das constantes transformações sociais em que se insere o corpo, os discursos e os recortes de gênero, sexualidade e VIH/SIDA. Estamos constantemente envolvidos em linhas tensionadas por dispositivos de controlam os discursos que compõem a sua sustentação. A política/racionalidade neoliberal promove distorções subjetivas aos sentidos ideológico em um território, a fim de implementar argumentos e doutrinas catastróficas exterminadoras de identidades. Tendo em vista que o neoliberalismo teve sua ascensão após a segunda guerra mundial, observou-se o retorno da “nova” colonização. Uma espécie de engenharia que constrói sujeitos em função do capital. Se a modernidade surgiu em função de uma justificativa a modernidade, temos então a continuação contemporânea da colonização. A ideia de “nova colonização” ocorre devido as categorias que foram criadas para o gerenciamento dos corpos escravizados nas Américas, por meio dos marcadores sociais da diferença: raça, gênero, sexualidade, classe social, religião e, a “sutileza” neoliberal em produzir sofrimentos de subjetividades abaixo da linha abissal norte/sul. Os discursos e os enunciados na mídia, após os primeiros casos de SIDA, no Brasil e no mundo, demonstram nitidamente estratégias de normatização social. É tentativa de exterminar e culpabilizar as subjetividades homossexuais por serem nada menos que elas mesmas. Foi encontrado, através da análise do discurso, recortes jornalísticos associativos entre o vírus ideológico e justificativas homofóbicas, racistas, machistas e transfóbicas.*

Palavras-Chave. *Neoliberalismo-neoconservadorismo, SIDA, Subjetividades.*

Abstract. *This work was born from the researcher's personal concerns regarding the constant social transformations in which the body, discourses and aspects of gender, sexuality and HIV/AIDS are inserted. We are constantly involved in lines that are strained by control devices and discourses that support them. Neoliberal politics/rationality promotes subjective distortions to the ideological senses in a territory, in order to implement catastrophic arguments and indoctrinations that exterminate identities. Given that*

neoliberalism had its rise after the Second World War, the return of the “new” colonization was observed. A kind of engineering that constructs subjects based on capital. If modernity arose as a justification for modernity, then we have the contemporary continuation of colonization. The idea of a “new colonization” arises due to the categories that were created to manage enslaved bodies, through social markers of difference: race, gender, sexuality, social class and religion, and the neoliberal “subtlety” in producing suffering in subjectivities below the north/south abyssal line. The discourses and statements in the media, after the first cases of AIDS, in Brazil and in the world, clearly demonstrate strategies of social normalization. It is an attempt to exterminate and blame homosexual subjectivities for being nothing less than themselves. Through discourse analysis, journalistic excerpts associating the ideological virus with homophobic, racist, sexist and transphobic justifications were found.

Keywords. AIDS, neoliberalism-neoconservatism, Subjectivities.

Resumen. *Este es un trabajo que nace de las inquietudes personales de la investigadora respecto de las constantes transformaciones sociales en las que se insertan el cuerpo, los discursos y aspectos de género, sexualidad y VIH/SIDA. Estamos constantemente involucrados en líneas tensadas por dispositivos de control y discursos que conforman su soporte. La política/racionalidad neoliberal promueve distorsiones subjetivas de los significados ideológicos en un territorio, para implementar argumentos catastróficos y adoctrinamientos que exterminan identidades. Considerando que el neoliberalismo tuvo su auge después de la Segunda Guerra Mundial, se observó el regreso de la “nueva” colonización. Un tipo de ingeniería que construye sujetos a base de capital. Si la modernidad surgió como resultado de una justificación de la modernidad, entonces tenemos la continuación contemporánea de la colonización. La idea de “nueva colonización” surge debido a las categorías que se crearon para gestionar los cuerpos esclavizados, a través de marcadores sociales de diferencia: raza, género, sexualidad, clase social y religión, y la “sutileza” neoliberal en producir sufrimiento psicológico de subjetividades debajo de la línea abisal norte/sur. Los discursos y declaraciones en los medios de comunicación, después de los primeros casos de SIDA, en Brasil y en el mundo, demuestran claramente estrategias de estandarización social. Es un intento de exterminar y culpar a las subjetividades homosexuales por ser nada menos que ellos mismos. A través del análisis del discurso se encontraron recortes periodísticos que asociaban el virus ideológico con justificaciones homofóbicas, racistas, sexistas y transfóbicas.*

Palabras clave. Neoliberalism-neoconservatism, SIDA, subjetividades.

1. Introdução

Essa pesquisa desrespeita, primeiramente, a minha constante busca por reconhecimento e pertencimento no mundo cosmológico capitalista. São algumas respostas que obtive a partir da minha inserção no Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPsí/UFGD - Mestrado). Considero a minha vida, a busca por aceitação e pertencimento enquanto homem gay, o início da minha pesquisa, a qual foi escrita e defendida entre os anos 2022 e 2024. Foi a oportunidade plausível de ser ouvido e respeitado por quem sou, a medida

em que continuo encontrando possibilidades de discussões as quais envolvem a linguagem, os discursos, as políticas exterminadoras, a produção de sujeitos e o sofrimento psíquico (Brown, 2023).

Para Brown (2023), o neoliberalismo é a proximidade conceitual de definir uma política abstrata, altamente tensionada, moderníssima e ultracapitalista que move pilares essenciais na sociedade, objetivando lucros e padronizações ao mesmo tempo em que transforma a subjetividade, construindo sujeitos neoliberais. A medida em que o capitalismo se estendeu sob o planeta, sobretudo nas Américas, experimentamos o assujeitamento humano, visto que deixamos a parte subjetiva singular de quem somos, para sermos brutalmente categorizados (Quijano, 2005). Por isso, existe um protocolo vigente, colonizador europeu, que constrange o sujeito contrassexual e constrói a normatividade do que venha a ser a cultura e o humano (Viveiros de Castro, 2001).

Nessa tentativa de padronizar e classificar os corpos, os neoliberais desmantelam o Estado e negligenciam todos os direitos sociais: a saúde, a educação, o lazer, o direito de viver e tantas outras coisas que movem esses corpos. Estamos falando de uma tecnologia que reestrutura as políticas mundiais e o controle humano (Haraway, 1984) por meio de sentidos, ideologias e discursos que atravessam as subjetividades (Foucault, 1996). O neoliberalismo e o neoconservadorismo atuam juntos, como aliados nessa super lotação fabril de sujeitos nomeados neoliberais.

Com isso, percebe-se as subjetividades que diferem das eurocêntricas, sendo todas exterminadas ou realocadas no mercado. São inferidas as pessoas negras, as mulheres, o(a)s indígenas, o(a)s homossexuais e transsexuais ou que cultuam outras crenças que não seja a cristã. Na visão neoliberal-neoconservadora, esses sujeitos não correspondem a cisheteronormatividade, branca e cristã. Devido a essas classificações, não ocuparão lugares moralmente celebrados, no que chamam de sociedade, mas, irão servir ao capitalismo de alguma maneira, sem deixar de viver em ruínas (Brown, 2023).

A SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) acometeu as primeiras vítimas no início da década de 1980, em um contexto já neoliberal e corroborou para uma série de violências que incluem a homossexualidade e a SIDA. Levando em conta a precariedade diagnóstica e de tratamento, não havia uma causa definida do motivo que levavam as pessoas contraírem o VIH (Vírus da Imunodeficiência Humana). No entanto, haviam justificativas neoconservadoras, religiosas, de que havia sido um castigo enviado por Deus, na tentativa

de mostrar o quanto as subjetividades homossexuais estavam contrariando a doutrina cristã (Bastos, 2002).

Em suma, foi realizada a análise do discurso como metodologia de trabalho, e as mídias jornalísticas, como ferramentas de atravessamentos subjetivos para alterar os sentidos nas sociedades, produzindo discursos e promovendo sofrimento das pessoas que se reconhecem homossexuais. Utilizamos teorias antropológicas e psicossociais em defesa e reflexão das respostas sociais à SIDA, e a confirmação da contribuição midiática em relação a disseminação de discursos neoconservadores-neoliberais a partir de 1980, e permanência do ataque entre homossexualidade e VIH/SIDA, nos dias atuais.

2. Metodologia

Utilizou-se nessa pesquisa, a análise do discurso como metodologia. Habilmente articulada as teorias antropológicas e ao pensamento decolonial em defesa ao eurocentrismo, a metodologia discursiva comprovou-se potente para o objetivo da pesquisa. É uma maneira de encontrar, como em uma escavação arqueológica, resquícios ou provas de inúmeros símbolos de linguagens e sentidos antidemocráticos (Foucault, 1996). A metodologia do discurso é uma possibilidade de resgatar, recuperar o significado do enunciado, incluindo os participantes, o ambiente espaço/temporal e as suas intenções, para que atuem em um objetivo em comum (Coracini, 1991).

Para Freire (2005) é na análise do discurso que buscamos entender melhor o discurso como percurso e movimento de palavras, não apenas como línguas, e resultados de sentidos simbólicos, mas também, como permanência, continuidade, deslocamento e transformação do lugar em que o sujeito se encontra. É a possibilidade de interpretação dos significados dos discursos apagados pela historicidade. Em suma, é o trabalho que envolve os significados da língua no mundo e os processos de enunciação à sua existência.

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em determinadas condições e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de aprender. São pistas que ele pretende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção (Freire, 2005).

Foi feito um rastreio em acervos jornalísticos de domínio público na internet, dos principais meios de informações no ano 1980. Selecionamos 17 enunciados jornalísticos, levando em conta a defasagem estatística diante das transformações tecnológicas e das transmissões de dados. Por isso, pode ser que algumas fomentadoras de mídias não tenham

sido encontradas e incluídas, vista a extensão cronológica da pesquisa. Por isso, ressalto que, para o presente trabalho, trouxemos os quatro principais enunciados jornalísticos, devido a magnitude que se encontra a dissertação.

Para Spink et al. (2014), esse trabalho encontra-se dentro de uma arca bolso sociopolítico, devido ao *corpus* de pesquisa selecionado. A escrita dela, por meio da análise de documentos públicos é uma vantagem que parte da ideia de ação e construção de discussões que promovem a desigualdade.

Além disso, optou-se por pesquisar termos e conceitos relacionados a pesquisa, na busca Google (Empresa Multinacional Americana de Serviços Online e Software) e na plataforma CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior), como modo de compreender o nível de circulação dos temas descritos e, de localizar a preocupação acadêmica e psicológica com as políticas destruidoras de identidades, ideologias normatizadoras, subjetividades homossexuais e VIH/SIDA na contemporaneidade. Em uma pesquisa rápida na barra de pesquisa Google, foram encontradas até a defesa da dissertação (março de 2024), seis trabalhos acadêmicos que incluem os descritores: VIH, SIDA, PVHA (Pessoa Vivendo com HIV/AIDS), HIV, AIDS, HIV/AIDS, Neoconservadorismo, Neoliberalismo, Neoconservadorismo E VIH/SIDA, PVHA E neoconservadorismo, Neoconservadorismo E HIV/AIDS. Apenas dois, dos seis trabalhos possuem implicações neoliberais-neoconservadores e VIH/SIDA.

Por fim, a filtragem dos descritores na plataforma CAPES: VIH/SIDA, PVHA (Pessoas Vivendo Com HIV/AIDS), Neoconservadorismo e Mídia E HIV/AIDS. Foram encontrados, entre 1992 e 2023, 1.281,833 produções de dissertações de mestrado no Brasil, onde apenas cinco pertencem a área de concentração em Psicologia.

3. Resultados e Discussões

3.1 O que há por trás dos discursos?

Ao falarmos em discurso, colocamos em questão a necessidade de sabermos sobre o que um texto fala, como ele fala e para quem ele fala (Gregolin, 1995). Para Foucault (1996) o discurso é um efeito de ditos e não ditos, ou seja, um texto em que pode conter certa parte de uma verdade, ou ainda, é um sistema linguístico ao qual nem todos possui o direito de fala. O que lemos, é a parte superficial do texto e da geração de sentidos, local onde está a

estruturação de certos valores enunciados por sujeitos “através de escolhas”, de sujeitos, de espaços e figuras que mostram um “ponto de vista”. Sendo assim, é possível compreender a dinâmica entre enunciador e enunciatário: os textos formados e os sentidos proclamados aos enunciatários, concretizando figuras e temas que serão transmitidos na sociedade, por meio dos sentidos e das ideologias empregadas no discurso através da linguagem.

A decolonialidade, pensamento crítico latinoamericano, permitiu abstrairmos uma visão ampliada, mas em constantes tensões, sobretudo no Brasil, de quais políticas estamos falando, chamadas neoliberais e neoconservadoras. Essa pesquisa não poderia ter sido realizada, se não por essa lupa rebuscada interseccional. Anibal Quijano (2015) traz em seu trabalho, o que chama de “colonialidade do poder”. É uma espécie física e simbólica da construção normativa de “sujeito” e de “sociedade” por meio dos atravessamentos europeus durante a colonização onde estabeleceram a relação “colonizadores x escravizados”. Para ele, o capitalismo nasceu como justificativa a modernidade, e não teria outra maneira de levantar um novo império, se não por meio da capitalização dos corpos, desconsiderando as consequências dessas relações.

As milhares de subjetividades negras trazidas em condições deploráveis, desumanas, trazidas para o Brasil, com objetivos de servirem a escravidão, eram tratadas nada mais que “escravos”, como se tivessem sido feitas exclusivamente para servirem a colônia e nada mais, por tratarem-se de sujeitos fenotipicamente diferente das europeias. Então, dessa maneira, as categorizações dos corpos iniciaram-se por raça, entre brancos e negros, mestiços e puros, “sexo” dicotômico (masculino e feminino), classe social, sexualidade cisheteronormativa e cristandade (Quijano, 2015).

Estudos como os da filósofa Judith Butler (2020) mostram modos de subjetivação que estão constantemente regulados por políticas do sexo, as quais comprometem o sujeito e sua função humana existencial. Para ela, o discurso e a linguagem juntos, promovem o entendimento de que nos tornamos sujeitos, a partir do momento em que correspondemos a citacionalidade sexual e passamos a performar socialmente o sexo designado ao nascimento. Caso isso não aconteça, experimentaremos o que denominam de “abjeto”, algo que se aproxima do que conhecemos como desprezível.

Em sociedades africanas, por exemplo, conceitos de família, parentescos, papéis sociais e funções laborais, são estabelecidas por classificações cronológicas e outras crenças locais religiosas, não pela anatomia sexual e performatividade (Oyèrónké Oyèwùmí, 2016).

Além disso, durante a invasão portuguesa em terras brasileiras, os “descobridores” encontraram subjetividades indígenas em que as relações também eram diferentes das quais trouxeram com a colonização. Algumas pessoas com anatomicamente “masculinas”, realizavam tarefas domésticas e laborais reconhecidas como atividades femininas. Outros grupos de homens, por exemplo, deitavam-se com outros homens como maneira de recompensá-los devido algum trabalho executado ou tarefa desenvolvida. Segundo Fernandes (2015) a conotação perversa e pecadora desses modos de viver tornaram-se abomináveis e animais após a invasão europeia.

Para Foucault (1996) o desejo e o poder andam lado a lado, pois há muito tempo, acontecimentos históricos nos mostram como isso acontece. Sendo assim, o discurso para além da tradução é um campo profundo amparado por sistemas de dominação e regidos pelos objetivos dos poderes. Chamamos isso de “processos de subjetivação”, as violentas intercorrências que ocorreram nesse processo histórico “civilizatório” – colonização –, pois alteram milhares de outros sentidos – por meio de discursos carregando ideologias – e modos de viver (Foucault, 2008). É uma cadeia de linhas tensionadas que entram em conflitos o tempo inteiro, uma vez que os diferentes grupos sociais carregam também, diferentes ideologias (Deleuze, 1996).

Wendy Brown (2023) fortalece o neoliberalismo como “uma força performativa que molda os desejos e os efeitos ontológicos na determinação e produção de sofrimento, por meio da subjetivação identitária, os valores individuais e os modos de vida”. É uma maneira a qual modificamos a nós mesmos, por meio de uma complexa e superprodução de si. Os cidadãos do norte global, cidadãos modernos, educados, elegantes, multiculturais e viajados construíram um universo moral e cultural como modelo de cultura, diferente dos interioranos sulistas. Por isso, a firme ideia do neoliberalismo aliado ao neoconservadorismo, soar como uma reestruturação tecnológica europeia de governamentalidade. O eurocentrismo é atualizado por essa performatividade e todos os elementos destrutivos como, racismo, machismo, sexismo, LGBTQIAPN+fobia e intolerância religiosa, acompanham o banquete, promovendo desigualdade social, sofrimento físico e psíquico por meio da economia moral (Safatle, 2022).

3.2 O caso VIH/SIDA associado a homossexualidade: Neoliberalismo-neoconservadorismo e produções midiáticas como ferramenta de subjetivação

Quando a SIDA tornou-se pública, em meados de 1983, havia um vasto e defasado

acúmulo de informações, hipóteses, pesquisas e tratamentos equivocados (Bastos, 2002). Ainda que parte dos esforços médicos e midiáticos tenham trabalhado para a interrupção da circulação da infecção, as práticas socioeducativas desenvolvidas por ativistas e pela própria população LGBTQIAPN+ foram os grandes responsáveis pela mudança do cenário social e das práticas de prevenção de danos (Bastos, 2002).

As informações que circulavam referentes a SIDA na época, promoveu o que Cristiana Bastos (2002) chama de alteração do imaginário social. Quer dizer, os discursos promovidos e articulados propositalmente serviram como modo de subjetivação neoliberal-neoconservadora na contemporaneidade. Em todo o mundo, a SIDA foi colocada primeiramente, como uma condição grave de saúde, sem cura, e que acometia sujeitos que faziam sexo com pessoas do mesmo sexo, sobretudo homens gays. Essa ideia passou a ser central nos meios de informações, globalizando o efeito de perigo eminente a sociedade (Bastos, 2002).

No Brasil, por exemplo, houve inicialmente, uma busca incessante por parte das autoridades policíacas e a mando de coronéis neoliberais, o extermínio de mulheres transsexuais nas ruas de São Paulo e, muito provável, que em todo o país. As questões de gênero e sexualidade, por exemplo, associam-se a essa prova de que os discursos neoliberais e neoconservadores estão em aliança na detenção de corpos que pagam o preço por serem contrassexuais (Preciado, 2000). A contrassexualidade é um manifesto e, ao mesmo tempo, uma análise crítica da diferença de gênero e sexo, produto do contrato heterocentrado, cujas performatividades normativas foram escritas como verdade biológica (Bastos, 2002).

Figura 1 – A invasão dos travestis.



Fonte: O Estado de São Paulo (1980)

Em 1980, “*O Estado de São Paulo*”, publicou em uma manchete contendo o seguinte enunciado: “Perigo! A invasão dos travestis”. Ainda que essa publicação não tenha relação direta com o fator SIDA, contribuiu certamente com o estigma e com a transfobia, futuramente associada com a disseminação do vírus e confirmada pela elite, como castigo divino. Em primeira mão, analisamos a escrita normativa como um ato político de assujeitamento, pois ao mesmo tempo em que estampam uma imagem com protagonistas femininas, utilizam “os” travestis, ao invés de “as” travestis. Além de colocarem-nas em uma posição de ocupação indevida, inadequada nas ruas de São Paulo, eram tratadas com perigosas que matam e culpadas por performarem seus corpos, confrontando as padronizações morais neoliberais.

Figura 2 – Costureiro Markito morre de ‘câncer-gay’ em Nova York



Fonte: O Globo (1983)

Já em 1983, a primeira notícia sobre a SIDA no Brasil, ocorreu por meio do Jornal “*O Globo*”: “Costureiro markito morre de câncer gay em Nova York”. Analisamos aqui, ideias explícitas do que pretendem informar referente a SIDA. Quando dizem “costureiro” no masculino, a notícia diz que um homem, ao qual é adulto, possui uma profissão feminina, cujo apelido é markito, no diminutivo, inferior aos outros homens cisheterossexuais, morre de câncer gay. O não dito nesse trecho refere-se a seguinte sentença: Marcos, homem gay, contrassexual, pecou. Ele contrariou as políticas sexuais estabelecidas pelas normativas de gênero e sexualidade, trazidas como herança colonial e cristã, atualizadas e confirmadas por sujeitos neoliberais e neoconservadores. Por isso, morreu de câncer gay, muito pior do que apenas de câncer. É um castigo divino por ter pecado ao alterar o sexo e a sexualidade. O enunciado é o primeiro recado dado: tomem cuidado, caso caiam na perdição, em pecado, a morte é o limite e “Nova York” proporcionou espaço para o pecado.

Figura 3 – Peste-gay já apavora São Paulo



Fonte: Jornal Notícias de São Paulo (1983)

No mesmo ano (1983), o “*Jornal de Notícias de São Paulo*” anunciou os primeiros casos de SIDA na cidade brasileira: “Peste-gay já apavora São Paulo, é a pior e mais terrível doença do século - dois brasileiros mortos”. Percebe-se o tom de “terror” e monstrosidade” em que o enunciado tenta manipular os interlocutores. De um “câncer-gay” passou a ser “peste-gay”. Essa é uma oportunidade de alertar a sociedade sobre aquilo que pode mudar a organização econômica neoliberal das funções morais que a atualização colonial pretende manter. Por um lado, comprometem as subjetividades homossexuais, colocando-as em vulnerabilidade e, por outro lado, é a confirmação do conforto cisheteronormativo, ou seja, é a justificativa e culpabilização de sujeitos contrassexuais como pecadores, castigados e transmissores de uma “doença” mortal. “É a pior e mais terrível doença do século”, quer dizer, nenhuma outra puniu tanto a homossexualidade, quanto a SIDA.

Figura 4 – Aids é castigo de Deus, porque bicha é uma raça desgraçada.



Fonte: Jornal Notícias Populares (1983)

Figura 5 – Natureza se vinga, diz d. Eugênio

Natureza se vinga, diz d. Eugênio

Da Secursal do Rio

O cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, dom Eugênio Sales, 64, falou ontem em seu programa radiofônico "A Voz do Pastor" sobre a Aids (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida) e atribuiu a propagação da doença à natureza que, "violentada, se vinga e, quando o faz, é terrível". Criticou também o homossexualismo e a "infidelidade conjugal".

O cardeal disse que o medo de contrair a Aids "modificou o comportamento moral dos indivíduos", que seriam levados a uma "moralização forçada". Criticou também as roupas de banho, "o nudismo completo, disfarçado por pseudotrajes, mais provocantes", usados nas praias e as novelas de TV, onde "o padrão de vida apresentado, costuma ser a degenerescência das pessoas e das famílias".

Sobre as novelas de televisão, disse ainda: "As exigências evangélicas são ridicularizadas. As relações pré-matrimoniais tentam adquirir a tranquilidade de uma atitude aceitável. Em busca da liberdade, propõe-se exatamente o contrário, a libertinagem. Veja-se o desprezo em que é votada a virgindade". Para dom Eugênio, "a reação já começou. Cristãos se organizam para a luta". Afirmou ser preciso "alçar a voz contra o mal. A sociedade seria melhor se houvesse menos covardia dos bons".

Fonte: O Globo (1985)

Dois enunciados analisados, glosados entre os anos 1983 e 1985, chamaram muita atenção devido a magnitude da historicidade arqueológica dos discursos e de governamentalidades pastorais. Esse fato tornou necessária a produção de um novo artigo científico, ao qual está em processo de editoração (2024). Tratam-se de uma publicação do "Jornal Notícias Populares" (1983) e "O Globo" em 1985. No primeiro jornal, foi exposto o seguinte texto: "AIDS é castigo de Deus, porque bicha é uma raça desgraçada". E o segundo jornal: "Natureza se vinga, diz d. Eugênio", um cardeal arcebispo importante no Rio de Janeiro.

Os enunciados proferem discursos tendenciosos referentes aos comportamentos considerados inadequados aos padrões neoliberais colonizadores. Além da resposta a SIDA, a matéria segue argumentos protestantes em prol de uma família idealizada. Culpa trajes de praia e a televisão como destruidoras da moral religiosa. É a confirmação de que há, por trás dos discursos produzidos durante a primeira década da epidemia de SIDA, oportunismo político. Não haviam evidências concretas sobre as informações colocadas em questão, ainda que possamos notar as necessidades tecnológicas da época no diagnóstico e tratamento da infecção, em relação a tudo que produzimos cientificamente até hoje, obviamente não é possível tais justificativas. A SIDA não é transmitida por meio de um *checklist* anatômico e subjetivo. Não são as sexualidades que determinam viver com ela, muito menos é um castigo de Deus.

É recuperado nos enunciados, além do ódio e terror sob os corpos dissidentes, correlações racistas e a homossexualidade. Seria essa, uma nova raça? A raça homossexual? Já que contornam essas subjetividades como uma raça desgraçada? Pois é esse o sentido real.

É tão desprezível ser uma “bicha” a ponto de não serem agraciadas por Deus. Não recebem a graça por haver o corrompimento da sociedade patriarcal e misógina. A natureza se vinga por termos alterado a lei regulatória do sexo (Butler, 2020).

4. Conclusão

Redigir esse artigo, para publicação no IV Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2024, proporcionou a possibilidade de ser ouvido e intensificar mais uma vez, minhas preocupações acadêmicas e subjetivas que envolvem manifestos sociais e políticas exterminadoras de populações consideradas indesejáveis na sociedade, mas que são induzidas também a ocupar espaços de exploração em um contexto de superprodutividades na happycracia. Além disso, revivi aqui, (re)leituras de tudo o que um dia vivi e continuo vivendo, sofrimentos e tentativas de sobreviver.

Vivemos em um território monitorado por dispositivos de controle (Deleuze, 1996) e pelo exercício do agronegócio, devido a isso, nos encontramos presos a esfera neoliberal na sociedade. A minha verdade enquanto pesquisador, não chega muitas vezes, em espaços devido a seleção de pensamentos necessários ou não para a manutenção capitalista. Pode haver certa dificuldade na compreensão desse estudo por muitos profissionais. No entanto, é uma proposta possível, a qual compartilha interesses as áreas de Ciências Sociais, por tratar recortes de gênero e sexualidade, pesquisadora(e)s da Educação e Psicologia social.

Em resumo, é uma amostra da subjetivação neoliberal-neoconservadora, em enunciados jornalísticos, como atravessamento subjetivo, a qual altera os sentidos e os significados de um fato social. Muitos autores confirmam a SIDA, uma infecção social diante das respostas sociais as quais tornaram os corpos políticos matéria vetorizada. Os eventos catastróficos que traumatizaram vidas contribuíram para que surgissem sentidos violentos entre homossexualidade e VIH/SIDA. O homem colonizador criou um castigo divino para aqueles que “pecam” ao experimentarem a homossexualidade.

5. Referências

BASTOS, C. **Ciência, poder, acção: respostas à Sida**. Imprensa de Ciências Sociais. Lisboa, 2022. ISBN: 972-671-088-X

BROWN, W. **Nas Ruínas do Neoliberalismo: A Ascensão da Política Antidemocrática no Ocidente**. Editora Politeia. São Paulo, 2023.

BUTLER, Judith. 2020. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. n-1 edições: São Paulo.

CORACÍNI, F. R. J. Maria. **Análise do discurso: em busca de uma metodologia**. PUC, 1991. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/46086>

DELEUZE, G. **O que é um dispositivo?** Lisboa, 1996.

FERNANDES, R. E. **Homossexualidade indígena no Brasil: um roteiro histórico-bibliográfico**. Dpt. De C. Sociais/ Univ. Fed. De Rondônia, 2015. Disponível em: FOUCAULT, M. A ordem do discurso. Paris, 1970.

FREIRE, A. S. **Conhecendo Análise Do Discurso - Linguagem, Sociedade e Ideologia**. Unicamp. Campinas, 2005. Disponível em: <https://www.sergiofreire.pro.br>

GREGOLIN, V. R. M. De. **A Análise do Discurso: Conceitos e Aplicações**. Alfa, São Paulo. 39: 13-21, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3967>

HARAWAY, J. Donna. **Manifesto Ciborgue, Ciência, Tecnologia e Feminismo socialista no Final do século XX**. 1984.

OYĚWÙMÍ, O. **Conceituando o Gênero: Os Fundamentos Eurocêntricos dos Conceitos Feministas e o Desafio das Epistemologias Africanas**. 2016.

PRECIADO, B. **Manifesto Contrassexual, Práticas Subversivas de identidade Sexual**. Câmara brasileira do livro. Ed. 1. São Paulo, 2014.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina**. P. 107. A Colonialidade Do Saber: Eurocentrismo E Ciências Sociais. Perspectivas Latinoamericanas. Edgardo Lander (Org). Colección Sur Sur, Clacso, Ciudad Autónoma De Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005.

SAFATLE, Vladimir. **A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral**. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (orgs). Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

SPINK, Mary J. Et Al. **A Produção de Informação na Pesquisa Social: Compartilhando Ferramentas**. 1. Ed. Rev. Rio De Janeiro: Biblioteca Virtual: [Http://Www.Bvce.Org.Br](http://Www.Bvce.Org.Br), 2014. 340.P.

VIVEIROS DE CASTRO. Eduardo. 2002. **Perspectivismo e multinaturalismo na América Indígena**. In **A Inconstância da Alma Selvagem**: Cosac Naify PP.345-399